

# A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA EMANCIPADORA EM ISTVÁN MÉSZÁROS

David Machado de Oliveira<sup>1</sup>  
Kananda Vasconcelos Nascimento<sup>2</sup>  
Roberta Liana Damasceno Costa<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente trabalho expõe de que forma a educação pode ser utilizada como ferramenta emancipatória para a superação do capital, tendo como base teórica o pensamento de István Mészáros. O principal objetivo dos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância, é a emancipação humana. Objetivo este alcançado quando o ser humano finalmente compreende, seja teoricamente ou na prática, todas as características de funcionamento de sua sociedade e de seu gênero, de tal forma que a luz científica não seja algo que o cegue, mas que o faça ver onde seus olhos não alcançam. Tendo em vista o objetivo de transformar qualitativamente as condições objetivas da reprodução social, István Mészáros entende que há a necessidade de reconquistar o controle do capital enquanto estrutura, e não enquanto instância personificada do sistema capitalista e também transformar progressivamente as consciências. Considera-se então que para trabalhar as consciências, de acordo com o autor, fica evidente a relação entre educação e trabalho: uma vez que, cabe à educação elaborar tantas estratégias apropriadas, elaboradas e adequadas para transformar as condições objetivas de reprodução, como para a automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente, esta seria o socialismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Emancipação. Socialismo.

## THE EDUCATION AS AN EMANCIPATION TOOL IN ISTVÁN MÉSZÁROS

173

## ABSTRACT

The present work exposes how education can be used as an emancipatory tool for overcoming capital, having as theoretical basis the thought of István Mészáros. The main objective of those who fight against the mercantile society, alienation and intolerance, is human emancipation. This objective is achieved when the human being finally understands, either theoretically or in practice, all the functioning characteristics of his society and his gender, in such a way that scientific light is not something that blinds him, but that makes him see where to go. your eyes do not reach. In view of the objective of qualitatively transforming the objective conditions of social reproduction, István Mészáros understands that there is a need to regain control of capital as a structure, and not as a personified instance of the capitalist system, and also to progressively transform consciences. It is therefore considered that in order to work on consciences, according to the author, the relationship between education and work is evident: since it is up to education to elaborate as many appropriate, elaborate and adequate strategies to transform the objective conditions of reproduction as to conscious self-change of individuals called upon to bring about the creation of a radically different metabolic social order, this new order would be socialism.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestrando em Filosofia pela mesma instituição.

E-mail: david.machado199@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3945-0116>

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Professora na EEMTI São Francisco da Cruz; Pós-graduanda em História da filosofia e do pensamento feminista pela Faculdade Vicentina – Curitiba.

E-mail: kanandavn1@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3945-0116>

<sup>3</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ; Mestre e Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Professora do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

E-mail: roberta-liana@uvanet.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1579-5761>

**KEYWORDS:** Education. Emancipation. Socialism.

## 1. Introdução

Para chegar na construção da emancipação humana, deve-se ter como foco, na ótica marxista de István Mészáros (1936-2017), a luta contra a sociedade baseada em mercadorias, que em seu conteúdo possui a fundamentação para a alienação e a intolerância. Mészáros entende o conceito de alienação (em Marx) da seguinte maneira: “a perda do controle: sua incorporação à uma força alienígena que se confronta com os indivíduos como poder hostil e potencialmente destrutivo” (MÉSZÁROS, 2016, p. 14). A alienação dentro da sociedade burguesa, assim como também nas sociedades anteriores, possui quatro características essenciais no seu funcionamento: o indivíduo está alienado em relação à natureza; à sua própria atividade produtiva; ao seu próprio ser, enquanto gênero, ou seja, enquanto ser humano e também está alienado em relação aos outros indivíduos.

Entende-se por emancipação humana o momento da verdadeira libertação do ser humano de todo esse processo de alienação. Isso se concretiza quando o ser humano finalmente compreende, seja teoricamente ou em sua prática, todas as características de funcionamento de sua sociedade e de seu gênero, de tal forma que a luz científica não seja algo que o cegue, mas que o faça ver onde seus olhos não alcançam.

A educação teria um papel primordial dentro desse processo emancipatório, no entanto ela própria serviu como ferramenta para a alienação do ser humano, na medida em que o próprio capital a utiliza para corresponder aos seus interesses. A educação se tornou uma das engrenagens as quais favorecem o processo de acumulação do capital, destinada apenas ao trabalho e à reprodução ideológica da lógica do sistema capitalista.

Para o desenvolvimento da argumentação contida neste texto, foi adotado o método hermenêutico-dialético de interpretação dos textos de István Mészáros, a fim de buscar nos próprios textos sua compreensão. Tal movimento de apropriação do referencial teórico possibilita traçar um caminho em que uma postura de nossa interpretação seja construída dialeticamente a fim de alcançar novos olhares interpretativos e de ação. A tarefa do método hermenêutico-dialético, para Minayo e Deslandes (2008), é estabelecer um caminho para:

que o intérprete busque entender o texto, a fala, o depoimento como resultado de um processo social e de um processo de conhecimento, ambos frutos de múltiplas determinações, mas com significado específico. Esse texto é a representação social de uma realidade que se mostra e se esconde na comunicação, onde o autor e o intérprete são parte de um mesmo contexto ético-político e onde o acordo subsiste ao mesmo

tempo que as tensões e perturbações sociais (MINAYO e DESLANDES, 2008, p. 227-228).

Dessa forma, o nosso texto está dividido em três partes: Introdução ao materialismo histórico-dialético e sua importância para a educação a fim de que se possa entender a importância do método de abordagem que será trabalhado nas questões sobre a educação; a crítica de Mészáros à educação, com a finalidade de reconhecer os limites da educação dentro da sociedade capitalista; e por fim: a alternativa ao capitalismo a fim de livrar a educação de suas correntes e seguir para a emancipação humana.

## **2. Materialismo-histórico dialético e a educação**

A fim de se formular um estudo sobre o estado da educação no capitalismo e pensar propostas para a emancipação humana, utilizando-a como ferramenta, é necessário partir do método materialista dialético e compreender como a materialidade de um determinado estado de coisas determina, em grande parte, as crises de sua consciência. Mauro Iasi, nas suas investigações sobre a consciência em Marx, em seu livro *As metamorfoses da consciência de classe* (2006), trabalha 5 determinações do ser da classe, são elas: 1- Propriedade dos meios de produção; 2 - Tipos de relação social historicizada; 3- Dimensão histórica da classe; 4- A ação da classe para a revolução; 5- A consciência de classe. Estas partem sempre do concreto e das particularidades que o compõem.

A primeira delas é sobre a quem pertence os meios de produção de uma determinada sociedade. Essa categoria divide a sociedade em dois blocos: os dos proprietários dos meios de produção e os não-proprietários. Essa determinação, por si só, não é suficiente para abordar toda a complexidade do ser da classe, pois a relação dos dois está definida, isolando ambos em ser possuidor ou não (cf. IASI, 2006, p. 335). Marx afirma que o isolamento das relações das classes, apenas nessas duas categorias, esquece que a exploração dos possuidores com os despossuídos “constitui a antítese direta da primeira, como cresce unicamente sobre seu túmulo” (MARX, 2017, p. 835).

A segunda determinação é exatamente a relação sócio-histórica do indivíduo para com a propriedade privada. Seja como vendedor ou comprador da força de trabalho, no capitalismo, servo que paga o imposto e o senhor que recebe o tributo, no feudalismo, ou o sujeito que tem sua condição humana escravizada e o escravizador, no escravismo. Essa segunda determinação amplifica o conjunto de particularidades concretas ausentes na primeira determinação:

A simples divisão entre proprietários e não-proprietários serve ao longo período em que há uma separação entre os produtores e os meios de produção, seja pela separação direta dos produtores dos seus instrumentos e meios imediatos de produção, como no capitalismo, seja de forma indireta pelo controle de meios essenciais que fazem fluir a riqueza coletivamente produzida para um centro que controla estes meios (como o controle da irrigação, os meios de defesa, o saber na forma de monopólio religioso e outros) (IASI, 2006, p. 336).

A terceira determinação, a dimensão histórica do ser da classe, é marcada pela contradição estrutural das forças produtivas materiais e as relações sociais de produção (cf. IASI, 2006, p. 337). De acordo com Marx, no Prefácio à *Contribuição à crítica da economia política* (1859):

Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social. A transformação que se produziu na base econômica transforma mais ou menos lenta ou rapidamente toda a colossal superestrutura. Quando se consideram tais transformações, convém distinguir sempre a transformação material das condições econômicas de produção - que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais - e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim. Do mesmo modo que não se julga o indivíduo pela ideia que de si mesmo faz, tampouco se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma. E preciso, ao contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. Uma sociedade jamais desaparece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que possa conter, e as relações de produção novas e superiores não tomam jamais seu lugar antes que as condições materiais de existência dessas relações tenham sido incubadas no próprio seio da velha sociedade (MARX, 2008, p. 47 e 48).

176

Em uma leitura rápida, um estudioso empolgado talvez tenha uma visão positivista das contradições dos meios de produção e das relações sociais e apressadamente conclua que toda e qualquer sociedade baseada nessas contradições chegará ao seu fim de forma progressiva. No entanto, Mauro Iasi nos traz uma reflexão de que o sujeito histórico o qual faz a sua própria história não é o avanço das forças produtivas, mas, sim, a própria humanidade.

O sistema capitalista possui uma necessidade de formar uma grande massa de força de trabalho. Ou seja, a necessidade que a grande parte dos seres humanos só possuem a sua própria força de trabalho a fim de poder existir em prol da produção de mercadorias para a existência desse próprio sistema que corrobora dentro dessa lógica. Diante disso, ao contrário de uma interpretação linear das forças produtivas, os seres humanos (em seu fazer histórico)

vivem, sofrem, lutam, vencem e/ou são derrotados, a revolução pode ser atrasada, derrotada, mas também pode ser concretizada. E, é nesse conjunto de realidades onde aparece a quarta determinação do ser da classe: a ação desta.

A ação da classe para a revolução é caracterizada no feudalismo: “quando as famílias do clã ou da *gen* se unificam para evitar a concentração de riqueza e poder nas mãos do patriarca, constituem, por meio deste ato, uma classe: a aristocracia” (IASI, 2006, p. 339). Para a derrubada dos feudos, da monarquia absolutista, da autoridade católica ou protestante, em suma, do feudalismo como um todo: “os habitantes do burgo se levantam pela autonomia política da cidade diante da corte, estão constituindo em sua ação uma classe contra a ordem feudal” (IASI, 2006, p. 339). Na transformação revolucionária socialista, para a derrocada do capital não é diferente: “os trabalhadores empreendem a formação de sua classe na medida em que se confrontam com a burguesia como ameaça geral à continuidade da produção social da existência” (IASI, 2006, p. 339).

A quinta determinação do ser da classe surge na complexa passagem de uma classe, em uma determinada ordem socioeconômica, para a possibilidade daquela atingir sua revolução e construir a alternativa para além de sua ordem já inserida. A quinta determinação que constrói a classe, enquanto classe, para atingir esse fim é: a consciência de classe.

Um dos problemas que marcam a consciência de classe é o seu funcionamento na sociedade capitalista. Nas sociedades que antecedem o capitalismo, a sociedade era desigual e assumida. No capitalismo, a ideologia que se propaga é de que todos os indivíduos são iguais. Ao ser “inserida” o tempo inteiro na mente das pessoas, estas passam a aceitar que a sociedade mais desigual da história da humanidade seja, na verdade, o suprassumo da realização humana em igualdade.

O capital se apropriou de quase tudo que existe na natureza e no campo cultural humano e com a educação não foi diferente, pois ela própria também é mercadoria. Não só a sua institucionalização privada, mas sobretudo o sistema público de ensino também é pressionado pelas demandas e necessidades do capital. E, é por este motivo que houve o entrave na emancipação humana através da educação: “os espaços educacionais foram transformados em shopping centers onde a lógica do consumo e lucro são a ordem” (cf. MÉSZÁROS, 2008, p. 16).

Diante do entendimento que a educação tem seu papel fundamental no processo de emancipação humana, é munindo-se da compreensão dada por Marx, em sua terceira tese sobre

Feuerbach, que haverá condições de se examinar a possível práxis de uma educação emancipadora:

A doutrina materialista sobre a modificação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são modificadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. Ela tem, por isso, de dividir a sociedade em duas partes – a primeira das quais está colocada acima da sociedade. A coincidência entre a alteração das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser apreendida e racionalmente entendida como prática revolucionária (MARX; ENGELS, 2007, p. 534).

Marx nos fala da urgência de uma prática transformadora para se mudar as estruturas de forma radical. Não nos basta, nesse sentido, apenas teorizar sobre a situação da educação e sim: acompanhar, organizar e praticar todos os mecanismos possíveis a fim de se pensar uma educação para além do capital.

É necessário entendermos que a lógica do capital é incorrigível. Não serão reformas que resolverão os problemas trágicos, sociais, culturais, educacionais e políticos que nos cercam. Não devemos, portanto, conformar-mo-nos com a regra geral de funcionamento de reprodução dessa sociedade, nem a própria alteração dessa regra geral é possível, uma vez que ela só funciona a partir dessa mesma lógica: a acumulação.

### **3. A crítica de Mészáros a educação liberal burguesa como ideologia**

De um ponto de vista lógico, é totalmente incoerente e irreal que os poderosos considerassem uma hipótese de que os seus servos os dominassem. Seguindo por esse sentido, não há “humanização” para a relação capital e trabalho. Portanto, não haverá nenhuma teoria educacional que parta dos burgueses, a classe hegemônica do capital, com o interesse de ir além da “perpetuação do domínio do capital como modo de reprodução social metabólica” (cf. MÉSZÁROS, 2008, p. 26).

Mesmo que os ideólogos da educação burguesa desejassem utilizar reformas para, quem sabe, amenizar as piores consequências da ordem reprodutiva capitalista, jamais iriam eliminar os fundamentos antagônicos enraizados no próprio sistema. Todos os esforços das tentativas de “solucionar” os problemas ocasionados pela lógica burguesa, dentro da própria lógica de acumulação do capital, fracassaram. O motivo, simples apenas na aparência, se dá pelas categorias irreformáveis do próprio sistema, que precisam ser superadas. É por essa razão que é necessário romper completamente com a lógica do capital se a sociedade quiser criar uma alternativa educacional que realmente seja significativa e transformadora.

Adam Smith, filósofo e economista, chegou a alertar sobre o efeito negativo que o “espírito comercial” do capitalismo pode acarretar nos trabalhadores. No entanto, a séria atenção que Smith propõe nada tem a declarar. Ele não sugere nenhum debate para a resolução desses problemas, culpa os próprios trabalhadores por essas forças ocultas dentro do sistema capitalista, ao invés de criticar o próprio sistema (cf. MÉSZÁROS, 2008, p. 28 e 29).

Smith chega a culpar as horas de lazer de um trabalhador, acusando-o de ignorantes, uma vez que os trabalhadores, por causa de suas condições de trabalho e de vida, procuravam o álcool e derivados para suprir alguma falta que lhe cabia. Mézáros nos diz que a solução capitalista para esse problema é a própria utilização do lazer para a exploração burguesa (cf. MÉSZÁROS, 2008, p. 30).

Não só os liberais clássicos, mas também os socialistas utópicos tinham interpretações equivocadas sobre o funcionamento da ordem capitalista. Robert Owen, também foi alvo de críticas de Mézáros, uma vez que para o socialista utópico: “tais transigências apresentam a verdade e o erro ao público, e sempre que esses são exibidos em conjunto... no final das contas a verdade tem de prevalecer” (MÉSZÁROS, 2008, p. 31). Esse discurso de que “passo a passo” o desejo de superar as condições que infligem negativamente a vida dos indivíduos não é suficiente, a tentativa de reconciliar, à base de reformas, as estruturas incorrigíveis do capital está fadada ao fracasso. A estrutura do capital está condicionada a favorecer sempre a classe burguesa, os donos dos meios de produção em larga escala. A dominação para com a classe trabalhadora será sempre inalterável, o que é incompatível com a proposta de Owen de “dever ser” racional.

É necessário compreender que a educação, dentro do sistema capitalista, funciona como uma ferramenta essencial para a ideologia dominante. Dessa forma, é preciso entender a fundamentação do conceito de ideologia utilizado por Mézáros e trabalhado pelos criadores do socialismo científico. Ideologia, para Marx e Engels, entende-se como sendo o conjunto de representações, símbolos, linguagens, significados, a construção de um universo ideal o qual corresponde a uma materialidade dada e que é expressa nas contradições de um mundo invertido. Nos primeiros atos históricos da humanidade e em seus desenvolvimentos, a ideologia irá surgir e se desenvolver a partir da divisão do trabalho.

A divisão do trabalho nada mais é que a divisão entre o trabalho material e espiritual, como resultado disso: a consciência (que será abordada, com mais detalhes, no próximo capítulo) se emancipa da práxis da atividade sensível do ser humano e é lançada para a construção das teorias (teologia, filosofia, moral, astrologia etc.).

A ideologia possui cinco características principais, em seu funcionamento, a saber:

- 1) A ideologia parte do conceito abstrato do real em vez da realidade;
- 2) A ideologia oculta a realidade material;
- 3) Inverte teoricamente essa determinada realidade material;
- 4) Naturaliza o que não é natural (história, cultura, social), mas que aparece ideologicamente como se fosse natural;
- 5) Toda ideologia se apresenta como uma justificativa do real, uma explicação do dever ser (assim que deve ser) do que uma explicação de porquê.

Essas características operam em uma sociedade cindida por interesses opostos, de maneira que um interesse particular se expressa na ideologia como se fosse universal, tal qual o interesse de uma classe para se manter perante a outra, reproduzindo aquele como o interesse geral da sociedade. Mesmo que essas teorias estejam em contradição com o estado de coisas vigentes, o contraste pode se dar também a partir de um determinado círculo de relações, como, por exemplo: a religião, conforme foi visto no tópico anterior. E, é através dessa contradição entre interesse particular e coletivo que surge o Estado, sendo este último:

uma forma autônoma, separada dos reais interesses singulares e gerais e, ao mesmo tempo, como comunidade ilusória, mas sempre fundada sobre a base real [*realen*] dos laços existentes em cada conglomerado familiar e tribal, tais como os laços de sangue, a linguagem, a divisão do trabalho em escala ampliada e demais interesses – e em especial, com desenvolvermos mais adiante, fundada sobre as classes já condicionadas pela divisão do trabalho, que se isolam em cada um desses aglomerados humanos e em meio aos quais há uma classe que domina todas as outras. Daí se segue que todas as lutas no interior do Estado, a luta entre democracia, aristocracia e monarquia, a luta pelo direito de voto etc. etc., não são mais do que formas ilusórias – em geral, a forma ilusória da comunidade - nas quais são travadas as lutas reais entre as diferentes classes (algo de que os teóricos alemães sequer suspeitam, muito embora lhes tenha sido dada orientação suficiente nos *Deutsch-Französische Jahrbücher* e n' *A sagrada família*), e, além disso, segue-se que toda classe que almeje à dominação, ainda que sua dominação, como é o caso do proletariado, exija a superação de toda a antiga forma de sociedade e a superação da dominação em geral, deve primeiramente conquistar o poder político, para apresentar seu interesse como o interesse geral, o que ela no primeiro instante se vê obrigada a fazer (MARX; ENGELS, 2007, p. 37).

Como esse Estado vai defender e gerir os interesses e as ideias do grupo dominante, a religião deste também vai ser incorporada e expressada através dos mecanismos e interesses do Estado mesmo em graus diferentes, dependendo de cada conjuntura social e política. Portanto, onde houver capitalismo (ou qualquer outro sistema socioeconômico baseado na contradição) não existirá uma educação verdadeiramente libertadora, vinda desse Estado e desses interesses. A educação formal burguesa oculta o modo de funcionamento de sua sociedade, inverte toda a sua realidade factual, contrapondo o que é real com a ideia que



possuem de real. Partem da abstração do real em vez da realidade. Naturalizam, de forma também educacional, a dominação de classe e a competitividade entre os indivíduos, favorecendo o processo de alienação do capital, uma vez que apresenta essas características como necessárias sem examinar o porquê dessas manifestações.

#### **4. Educação e emancipação humana**

A tarefa proposta por Mészáros é maior que a mera negação do capitalismo, o que não prescinde de uma mudança completa da maneira de ser dos seres humanos. Aí reside a dimensão do que está para além do capital: é a ordem que, ao invés de uma proposta reformista que enfoca os efeitos do sistema dominante sem ameaçar sua base causal, subverte o sociometabolismo de forma autossustentável. (MÉSZÁROS, 2008, p. 62).

Tendo em vista o objetivo de transformar qualitativamente as condições objetivas da reprodução social, Mészáros destaca a necessidade de reconquistar o controle do capital enquanto estrutura e não enquanto instância personificada do sistema capitalista. Assim como também é necessário transformar progressivamente as consciências. Para trabalhar a consciência, fica evidente a relação entre educação e trabalho: cabe à educação, de forma autossuficiente e soberana, elaborar tanto “estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente”. (MÉSZÁROS, 2008, p. 65).

Nessa tarefa, a educação é primordial, e acompanhando Marx, Mészáros irá atribuir a ela o papel de “efetiva transcendência da autoalienação do trabalho” (cf. MÉSZÁROS, 2008, p. 65). A partir disso, destaca-se a confluência entre trabalho e educação: essa designação tem por necessidade a universalização da educação e do trabalho como atividade humana autorrealizadora.

Mészáros propõe a sustentabilidade, definida por ele como sendo a única espécie factível de autocontrole, ou seja, o “controle consciente do processo de reprodução metabólica social por parte de produtores livremente associados” (MÉSZÁROS, 2008, p. 72). Essa atividade depende da educação em um sentido mais extenso, a qual consegue oferecer uma alternativa concreta por meio da intermediação autônoma, do autocontrole e da autorrealização. Seguindo esse raciocínio, os trabalhadores associados não precisam ser governados pela lógica do capital, que, por sua vez, é imposta através da alienação de mediações de segunda ordem, pelo contrário, podem aprender a governar a si próprios, valendo-se da liberdade substantiva e

da igualdade. Essa alternativa não se abstém ainda de valores que acompanhem a real necessidade dos indivíduos, tornando a estrutura de “apetites totalmente artificiais e reificados da acumulação lucrativa do capital”. (MÉSZÁROS, 2008, p. 73). Esse modelo alternativo permitiria instituir prioridades e definir necessidades reais, contrariando o atual círculo vicioso de desperdício e escassez e uma contraproducente acumulação, oriundos da deficiência estrutural do capital em que a sociedade se encontra.

Para solucionar o problema da autoalienação do trabalho, deve ser levado em consideração, de forma sistemática, a promoção totalmente consciente do trabalho com a educação. Tendo em vista a necessidade da superação do modo de produção capitalista e a construção do comunista, pode-se imaginar, de forma racional, o processo transparente da produção em uma sociedade emancipada: todos os meios de produção são coletivos, e todos os seres humanos, de forma consciente, empregam suas forças de trabalho, transformando-se em uma única força social de trabalho. Não há objetos estranhados, todo o processo de produção deve ser entendido em todas as esferas, assim como no campo da práxis educacional, seja no antes, durante e depois. O produto total da produção será social, e parte desse produto servirá para a manutenção dos meios de produção. Sempre permanecerá social, tanto para a subsistência dos membros da associação como para a autorregulação das forças produtivas. Tal como Marx trabalha em *O Capital*:

Sua distribuição socialmente planejada regula a correta proporção das diversas funções de trabalho de acordo com as diferentes necessidades. Por outro lado, o tempo de trabalho serve simultaneamente de medida da cota individual dos produtores no trabalho comum e, desse modo, também na parte a ser individualmente consumida do produto coletivo. As relações sociais dos homens com seus trabalhos e seus produtos de trabalho permanecem aqui transparentemente simples, tanto na produção quanto na distribuição (MARX, 2017, p. 153).

As fundamentações materiais devem estar de acordo com uma totalização coletiva plenamente consciente, com a participação autodeterminada dos membros individuais. Pois, segundo Marx e Engels, a alienação:

Só pode, naturalmente, ser abolida com base em duas premissas práticas: para se tornar um poder “insustentável”, ou seja, um poder contra o qual os homens fazem uma revolução, deve necessariamente ter tornado a grande massa da humanidade sem propriedade privada, e além disso, em contradição com o mundo existente de riqueza e cultura; ambas as premissas pressupõem um grande aumento da força produtiva, um alto grau de seu desenvolvimento<sup>4</sup> (MARX, ENGELS, 2010, p. 48).

<sup>4</sup> Tradução de citação feita por minha autoria. Can, of course, only be abolished given two practical premises. In order to become an "unendurable" power, i.e., a power against which men make a revolution, it must necessarily have rendered the great mass of humanity "propertyless", and moreover in contradiction to an

Dessa forma, uma premissa fundamental de desenvolvimento substancial das forças produtivas implicaria também na colaboração mundial da humanidade e não em um só Estado nação. Com o fim do mercado, o que ocasionaria também o fim da competitividade, funcionaria o intercâmbio universal, forçando a necessidade da revolução socialista nas nações que ainda não a fizeram. Sem isso, segundo Marx, o comunismo seria apenas um fenômeno local. As forças produtivas, por não serem internacionais, não seriam totalmente desenvolvidas e cada extensão das forças produtivas capitalistas poderia abolir esse comunismo local. Portanto, Marx conclui que o comunismo só é possível, concretamente, com as revoluções das classes proletárias acontecendo simultaneamente, o que pressupõe o desenvolvimento universal das forças produtivas em uma relação mundial ligada a todas elas (cf. MARX; ENGELS, 2010, p. 49).

## 5. Conclusão

A educação para além do capital, proposta pelo filósofo István Mészáros, tem como horizonte uma sociedade qualitativamente diferente. É pertinentemente urgente e necessário que a sociedade “se lance” à condução dessa ordem social. Pois, o capitalismo possui incorrigíveis determinações estruturais que tornam inviável qualquer tentativa de conciliar os antagonismos desse sistema. Segundo o filósofo húngaro:

(...) O papel da educação, orientado pela única perspectiva efetivamente viável de ir para além do capital, é absolutamente crucial para esse propósito.

A sustentabilidade equivale ao controle consciente do processo de reprodução metabólica social por parte de produtores livremente associados, em contraste com a insustentável e estruturalmente estabelecida característica de adversários e a destrutibilidade fundamental da ordem reprodutiva do capital. É inconcebível que se introduza esse controle consciente dos processos sociais – uma forma de controle, que por acaso também é a única forma factível de autocontrole: o requisito necessário para os produtores serem associados livremente – sem ativar plenamente os recursos da educação no sentido mais amplo do termo (MÉSZÁROS, 2008, p. 72).

Nesse sentido, destaca-se que a plena realização do projeto socialista é inadmissível sem a prática necessária e plenamente realizada de um tratamento consciente, mediado, integrado e totalizante dos problemas originalizados pelos produtores associados dentro da interligação global da produção das riquezas. A educação tem um papel fundamental no que concerne a garantir a transformação socialista de forma plenamente sustentável (cf.

---

existing world of wealth and culture; both these premises presuppose a great increase in productive power, a high degree of its development.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 12	n. 29 (especial)	2023	p. 173 - 185
--------------------------	--------	------------------	------	--------------

MÉSZÁROS, 2008, p. 79). Entendendo-a não como um período estritamente limitado da vida dos indivíduos, mas, ao invés disso, como o próprio desenvolvimento contínuo da consciência socialista da sociedade. O que difere radicalmente da proposta educacional da sociedade capitalista, pois o interesse desta última é, senão, extinguir a transformação radical das ideias educacionais através da alienação do desenvolvimento cultural, oriunda da lógica de expansão capitalista e da maximização do lucro (cf. MÉSZÁROS, 2008, p. 79).

A construção de uma nova consciência, oriunda da emancipação humana, e que essa consciência social seja de fato realista, precisa estar fundada pelas mediações materiais necessárias que visa à superação das formas de alienação. Essas mediações materiais em conjunto com o planejamento consciente através da educação promovem a regulação da estrutura da vida social mediante esse período histórico de transição (cf. MÉSZÁROS, 2002, p. 1061 e 1062).

Essa é a transformação material que geraria as circunstâncias materiais, as quais tornam possível superar o estranhamento. O caminho para se alterar isso são medidas muito materiais. Superar a escravizante subordinação do indivíduo na divisão do trabalho não é uma meta moral, e, sim, o desenvolvimento da tecnologia, ou seja, a homogeneização dos trabalhos. Superar a separação antagônica entre trabalho intelectual e manual é o desenvolvimento da ciência, lado a lado com o desenvolvimento da educação. O desenvolvimento do indivíduo, em todos os sentidos, é um novo ser social submetido a relações comunitárias, originadas da superação da propriedade, gerando um novo sujeito, portanto, uma nova consciência.

## **6. Referências bibliográficas**

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

IASI, Mauro Luis. **As metamorfoses da consciência de classe: O PT entre a negação e o consentimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2006

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. The German Ideology. In: **Marx and Engels Collected Works - vol. 5**. New York: International Publishers, 2010.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. (Orgs). **Caminhos do Pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.